

REASURGIMENTO

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, **ANTÓNIO-LINO**Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Fimalicão
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesa

Mocidade e Império

por José Soares Franco.

No Século XIV, no desenrolar de uma aguda crise política Portugal realiza a sua primeira Revolução Nacional.

Estava consolidada a obra do povoamento e organização interna da primeira dinastia.

A Nação encontra os Chefes que as circunstâncias do momento lhe exigem e a juventude — porque essa obra de galvanização do País num frêmito intenso de vida, foi obra da gente mossa — impele o reino para os mais altos desígnios da expansão extra-territorial.

Então no dizer expressivo de Fernão Lopes «... se levantou outro mundo novo e nova geração de gentes».

Portugal na linha marcada do seu destino histórico, volta-se integralmente às lides do Império.

E o primeiro Império, o de Marrocos — extensão natural de Portugal — desenha-se magnífico, numa visão segura do interesse nacional.

Ceuta, é a primeira página escrita pela «Mocidade Portuguesa» em terras de Africa e escola de acção, seleccionadora de valores, reveladora de Chefes. Daí saíram os grandes condutores de homens, que tornaram possível a grande gesta dos portugueses, a obra maravilhosa longamente preparada, dos missionários, soldados, colonos, homens de ciência e navegadores, que ao serviço da Fé e do Império fizeram o Império do Oriente e o descobrimento, conquista e colonização das terras atlânticas.

Mais tarde, quando certos sintomas de cansaço revelam, quando estigmas de degenerescência parecem anunciar uma próxima decadência e engrossa a corrente anti-expansionista, é o melhor da «Mocidade Portuguesa» — os descendentes dos conquistadores de Ceuta — que no Algarve Africano, num último arranco, procura a salvação, imolando-se num sacrificio, que Deus quis, não fôsse coroado de êxito.

Seguem-se séculos menos brilhantes em que apesar de tudo se colonizou, se deu alma e corpo, se fez Nação, a América Portuguesa, o Brasil.

Se bem que Portugal na frase de Diogo do Couto, citada por Mousinho, tivesse deixado de mandar para as terras do Ultramar, as três cousas de que falava o Rei de Cochim «**verdade, espadas largas e portuguesas de ouro**», não estava tudo perdido.

E no século XIX, quando a decadência se acentua e muitos dos melhores espíritos a consideravam irremediável e inevitável a perda dos restos que nos ficaram do antigo Império, um grupo de portugueses reagiu brilhantemente contra esse estado de cousas.

Um deles certamente a figura mais destacada — Mousinho — podia escrever ao Príncipe Real, na famosa carta:

«Nessa história entretanto há algumas páginas que Vossa Alteza pode ler sem que lhe corem as faces de vergonha, sem que lhe subam aos olhos lágrimas espremidas do coração triturado de humilhações.

«Essas poucas páginas brilhantes e consoladoras que há na história de Portugal contemporâneo escrevemo-las nós os soldados, lá pelos sertões de Africa, com as pontas das baionetas e das lanças a escorrer em sangue.»

Na génese do novo renascimento pátrio, devemos colocar, como primeira afirmação de vitalidade, inspiradora na acção, da segunda Revolução Nacional, a obra de penetração e ocupação das províncias de Africa e Timor.

E' o reatamento da vocação imperial da Nação, assegurando a sua continuidade histórica.

Quando anos depois a intensa doutrinação tornou possível o movimento de 28 de Maio e se deu forma política aos princípios fundamentais do Nacionalismo Português, logo se incluiu como finalidade nacional, a realização do novo Império. Como disse Salazar é um plano para se «cumprir em decênios ou séculos seguidos, como foram os descobrimentos e a colonização do Brasil» e que só pode ser assegurado pelo esforço metódico e continuado de todos os portugueses.

A concepção portuguesa do Império implica a ideia da unidade moral, política e económica de todas as parcelas que o compõem, o máximo aproveitamento de todas as suas virtualidades e como escopo último, a ideia espiritual do Império, abrangendo tudo o que de português haja espalhado pelo Mundo em homens e tradições de nossa acção civilizadora.

(Continua na 3.ª página)

A' MARGEM

O fim da carreira de Litvinoff

Estaline pôs, súbitamente, um ponto final na carreira de Wallach, que também dá pelo nome de Litvinoff.

Embora não se saiba ainda se o ex-comissário dos negócios estrangeiros da U. R. S. S. terminará os seus dias na prisão ou, mais rapidamente, ante o pelotão executor, o caso é que a vida dele, politicamente, acabou.

A carreira de Litvinoff começou brilhantemente quando foi encarregado de passar em Paris as notas russas que a quadriha armada de Estaline roubara no Cáucaso. Habitou-se, desde então, a ser um mero instrumento nas mãos do actual ditador vermelho.

Quando Estaline iniciou a depuração, mandando prender e fuzilar a torto e a direito os seus mais próximos colaboradores, Litvinoff sentiu-se ameaçado. Salvou-se graças a uma servilidade sem limites e a uma atitude extraordinariamente cobarde. Tem-se apresentado várias suposições quanto à causa da sua destituição. Na verdade, ela deve residir apenas na decomposição do Partido comunista. E' mais um sintoma do fim próximo.

* * *

Marxismo e cristianismo

O padre Chevalier, professor em Friburgo, proferiu recentemente uma notável conferência, perante a Federação Católica de Genebra, sobre a incompatibilidade total entre o marxismo e a religião cristã.

Depois de ter afirmado que o materialismo histórico é, não o produto duma ciência desinteressada, mas uma arma de guerra política e social, e que a teoria marxista aplicada à economia política apresenta numerosas inconseqüências e vai chocar com impossibilidades práticas, o orador demonstrou que a exaltação marxista da matéria origina muitas contradições. Leva até à abdicção da consciência em proveito da consciência doutro homem: é o mais que se pode tirar a um ente, sob o pretexto de o restituir a si próprio. Acabou-se a personalidade! A própria essência humana é falseada. O primado da matéria arrasta, com a negação da alma, ao desaparecimento da personalidade. O último refúgio do homem, a consciência, é-lhe vedado.

Compreende-se o abismo que separa a essência do marxismo da do cristianismo. Toda a conciliação entre ambas é impossível.

D A C I D A D E

VIDA CATÓLICA

5.º Domingo depois do Pentecostes

Evangelho (Mat., 20-24). — « Se a vossa justiça não for maior e mais perfeita do que a dos Escribas e Fariseus, não entrareis no reino dos céus. Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e quem matar, será réu no juízo. Pois eu digo-vos que todo aquele que se irar contra seu irmão, será réu no juízo. E o que disser a seu irmão: Raca, será réu no conselho. E o que lhe disser: E's um tolo, será réu do fogo do inferno. Portanto, se estiveres fazendo a tua oferta diante do altar, e te lembrar a que teu irmão tem contra ti alguma queixa, deixa ali a tua oferta diante do altar, e vai te reconciliar primeiro com teu irmão; e depois virás fazer a tua oferta.

Homilia. — Sentença terrível para os Fariseus: mas, lição temerosa para os cristãos que se assemelham aos fariseus!... Consideremos sucessivamente uns e outros, e analisemos o seu procedimento.

A justiça dos Fariseus. A sua justiça, isto é, a sua virtude, a sua religião era:

Tôda exterior, superficial, parecendo cumprir a lei por observarem certas prescrições externas da mesma (como ir ao templo, orar, dar esmolas), mas, no íntimo, procedendo contra o seu espírito, deshonrando-a, transgredindo-a...

Mentirosa e minuciosa, prendendo-se a certas práticas pouco importantes, fazendo algumas obras não obrigatórias;... mas desprezando o essencial, interpretando a lei ao sabor da sua fantasia, segundo os seus interesses e as suas paixões, sem piedade e sem caridade, cheios de cólera e de ódio. **Orgulhosa e hipócrita,** em tudo procedendo só por vaidade e ostentação, para passarem por virtuosos e captarem os louvores e a estima dos homens:

Omnia opera sua faciunt, ut videantur ab hominibus...

Cristãos semelhantes aos fariseus. Quantos cristãos se não vêm hoje verdadeiramente fariseus, cuja religião

é tôda de exterioridades, que vão à Igreja, recitam algumas orações com os lábios, e até dão algumas esmolas; mas, cujo coração está longe de Deus, sem desejo de lhe agradar e de o honrar!... Quantos tomam da religião o que lhes convém e desprezam o essencial;... aproximam-se muitas vezes dos Sacramentos, pertencem a tôdas as Confrarias, fazem escrípulo de faltar à menor cerimónia, mas... têm o coração cheio de desordens, de injustiças, de ódios, de rancores;... não cumprem os seus deveres de família, não fazem escrípulo de se vingar, de prejudicar o próximo e talvez mesmo de cometer pecados ainda piores... Parecem exteriormente cristãos, mas, que vida levam?... *Nomen habes quod vivas, et motuus es!* Quantos praticam a religião só por interesse, por vaidade, orgulho... para bem parecer, para alcançar alguma situação honrosa ou lucrativa... Fazem-se devotos, mas no fundo não passam de *sepulcra dealbata, a foris speciosa, plena ossibus et omni spurcitia...* **Cristãos piores que fariseus.** Sim, também os há... Os fariseus, êsses ainda iam ao templo, oravam... por orgulho, é certo, e sem merecimento diante de Deus... mas não desedificavam... Quantos cristãos, ao contrário, vivem como pagãos, passando meses e até anos sem orar, sem fazer nenhum acto de religião!...

Os fariseus guardavam o sábado... e os cristãos, de que vimos falando, ignoram os Domingos e dias Santos, trabalham nesses como nos outros dias...

Os fariseus jejuavam, davam esmolas... Muitos cristãos nem sabem o que é o jejum e a abstinência... nunca dão esmolas nem aos pobres nem à Igreja, nem às obras apostólicas...

Crucificam Nosso Senhor, contristam a Igreja, contentam o demónio... Serão pois julgados e punidos mais severamente que os fariseus e os pagãos...

Entre vós, meus irmãos, encontrar-se-ão cristãos destas diferentes categorias?...

Ah! teme a ameaça divina: *Nisi abundaverit justitia vestra...* Amem.

(THIRIET).

Câmara Municipal de Guimarães

Resumo do expediente da sessão ordinária de 26 de Julho de 1939.

Ofícios: — A Junta de freguesia de Oliveira do Castelo, de Guimarães, expõe as condições em que o tanque público do Campo da Feira tem sido utilizado, como se vem fazendo o seu abastecimento de águas, e os inconvenientes resultantes de os herdeiros do dr. João da Costa Sampaio terem aberto na margem esquerda do ribeiro da Costa, um cano subterrâneo por onde conduzem as águas para as terras do seu casal do Outeiro, na margem direita do referido ribeiro. Inteirada, a Câmara diz que de harmonia com o parecer do sr. advogado da Câmara, não tem competência para resolver o assunto.

— O professor da escola masculina de Moreira de Cónegos, pede o pagamento de 13\$50 de energia eléctrica consumida nos meses de Janeiro, Fevereiro e Março, com o curso nocturno da referida escola. Foi autorizado o pagamento.

— O presidente da Comissão das Festas da Cidade, do corrente ano, pede o pagamento de vinte mil escudos da verba orçada para as referidas Festas. Foi autorizado o pagamento.

— O Secretário do Supremo Tribunal Administrativo, diz ter sido negado provimento ao recurso administrativo, em que era recorrente o dr. Ricardo de Freitas Ribeiro e a Câmara Municipal de Guimarães, e dr. Armando Teixeira de Faria e outros. Inteirada.

em Santo Tirso, que tem por fim agradecer a conservação da preciosa vida de mons. Ribeiro. No dia 3, segunda-feira, fecha a inscrição que se encontra aberta na sacristia da Oliveira e na casa do sr. Antunes da Cunha à rua da República.

Doente

Vai melhor dos seus últimos encômos o estimado procurador sr. Manuel Bernardino Ferreira.

Desejamos o seu restabelecimento.

Entre nós

Cumprimentamos nesta cidade o nosso camarada sr. António Alberto Santos de Magalhães Queiroz, distinto Médico-veterinário em Braga.

Aniversários

Junho, 26 — D. Paula de Azevedo Machado Caçador.

Junho, 29 — Hugo Alves Pinto de Almeida, capitão Manuel José da Silva.

Julho, 1 — José Luiz Brandão de Carvalho.

Julho, 2 — D. Maria da Conceição Freitas de Amaral Lobo Machado.

Julho, 4 — Armando da Silva Paúl.

Julho, 8 — D. José Ferrão de Tavares e Távora.

António Duarte

Enviou-nos cumprimentos o sr. António Duarte, professor do Ensino Primário em S. João de Airão.

— O Adjunto do Director do Arquivo Municipal, pede o pagamento de 600\$00 para expediente, por conta da verba inscrita no orçamento. Foi autorizado.

— O Delegado de Saúde dr. Mário Dias Pinto de Castro, diz que pelos elementos que colheu, relativamente ao inquérito de que foi encarregado, referente às acusações feitas à parteira municipal Eulália Couto, chegou à conclusão de que têm fundamento, em virtude do que por julgar não ser bastante para completo esclarecimento do caso, o inquérito de que foi encarregado, pede para que sejam dadas ordens para se fazer uma mais completa investigação. Inteirada, a Câmara resolve instaurar processo disciplinar à referida parteira, encarregando o sr. Presidente de nomear o sr. instrutor.

Saúdação: — O sr. Presidente propôs, sendo aprovado por unanimidade, que se enviasse um telegrama de saúdação a S. Ex.^a o sr. Presidente da Republica, exprimindo-lhe as saúdações desta Câmara à hora da sua partida para Cabo Verde e Moçambique, levando áquelas terras distantes do Império a afirmação da Unidade Nacional e do carinho da Mãe-Pátria.

Comunicação: — O sr. Presidente comunicou à Câmara que das comissões nomeadas para tratar da organização das Comemorações Centenárias desta cidade, faziam agora parte, os srs. Cónego Alberto da Silva Vasconcelos, dr. Alfredo Pimenta, e Presidente da Associação Comercial e Industrial de Guimarães, na Comissão de coordenação; Presidente da Associação Comercial e Industrial de Guimarães na comissão de instalações; o Presidente da A. C. e I de Guimarães e Presidente do Sindicato dos Empregados do Comercio na Comissão de Arraiais e Festas Populares.

Deliberou: — Mandar desfazer uma curva da estrada municipal de Brito às Taipas, no lugar do Arquinho, por administração directa;

— Adquirir um aparelho de Raios Ultra-Violetas, uma Marqueza, uma secretária e três cadeiras para o Lactário Municipal.

— Fazer o estudo da pavimentação da estrada municipal n.º 13, na parte ainda não pavimentada, pela Repartição Técnica Municipal;

— Auctorizar o pagamento de 2.277\$00 à Junta de freguesia de S. Jorge de Selho, para as despesas da reparação do caminho do Courelo;

— Fornecer à Junta de freguesia de Mesão-Frio, o projecto de ampliação do cemitério daquela freguesia e construção do caminho de acesso ao mesmo, organizado pela Repartição Técnica da Câmara.

Lêde e propagai

"Ressurgimento"

NOTICIÁRIO

Grupo Excursionista «Devotos de Nossa Senhora da Oliveira»

Este Grupo Excursionista, realizará em Julho de 1940, uma grandiosa Peregrinação a São Tiago de Compostela, com visita a La Guardia, Barjona, Vigo, Ponte Vedra, Corunha, El Ferrol, Luzo, Orense, etc. etc.

Para informações e inscrição, falar no estabelecimento dos srs. Manuel da Cunha Machado, Filhos, à Porta da Vila, na Casa da Acção Católica, junto à Igreja de S. Dâmaso, ou com o Rev.^{mo} Padre João Lindoso, João da Silva e Constantino Alves.

Legião Portuguesa

Decorreu animadíssima a festa promovida pela Acção Social da L. P. no recinto da Escola Industrial. Nela tomaram parte as melhores famílias de Guimarães, estando também bastante gente de fora, Braga, Penafiel, Felgueiras, etc. Para o próximo número informaremos melhor.

Peregrinação a Santo Tirso

Como já foi anunciado, é no próximo dia 9 de Julho que se realizará a peregrinação a Nossa Senhora da Assunção,

MOCIDADE E IMPÉRIO A' margem

(Continuação da 1.ª página)

A Mocidade Portuguesa, que tem nos seus objectivos assegurar a continuidade da Revolução Nacional, tornando integralmente as novas gerações de Portugal, tinha de adoptar como seu êste programa da Nação.

O jovem português, moral e fisicamente equilibrado e são, consciente dos seus deveres e direitos, disposto ao sacrifício pelo bem comum com a noção exacta do seu destino no Mundo, não pode deixar de abraçar a Ideia Imperial com entusiasmo.

As dificuldades da obra que a gente nova tem de cumprir, consistem um poderoso incentivo, para que a sua preparação se faça mais completa e maiores exigências haja na sua valorização total. A Mocidade Portuguesa que abrange na sua orgânica todo o território do Continente, Ilhas e Ultramar, saberá criar e manter na juventude a mística do Império e esta consciente da grandeza da missão, animada de Fé intensa, disposta a um trabalho pertinaz, corresponderá plenamente às esperanças depositadas na sua acção.»

Foicinha em seara alheia Abastecimento de água

O sr. dr. José Agostinho da Silva, professor e publicista, realizou em Maio último, no Club dos Fenianos Portuenses, uma conferência subordinada ao título: «Acção Cultural das Bibliotecas».

E, porque naturalmente lá entendeu que meteria figura, falando com menosprezo, da classe do professorado primário, saiu-se com esta injuriosa referência: «O professor primário só sabe ensinar à pancada, e as crianças saem da escola sem saberem ler, acontecendo até que ficam num grau de inferioridade àqueles que a frequentam».

Mas, imediatamente, alguém de entre os ofendidos que se encontravam presentes sai a embargar-lhe a afronta; e, num movimento de revolta e dignidade, protesta com tal apuro, que o conferente se vê na desairosa contingência de esclarecer intenções!...

O incidente, porém, não pára aqui, e o sr. dr. surpreende-se de o ver divulgado nas colunas da imprensa. Então, visivelmente aborrecido, replica ao Director do jornal que ao caso se refere, não logrando, no entanto, obter, em resposta, senão um daqueles brindes que a pena do brilhante jornalista António Figueirinhas sabe oferecer!

Embora já baste de comentários, é sempre deplorável que uma pessoa com responsabilidades, e que passa por intelectual da época, atire para o público, sem o mínimo escrúpulo, insinuações desta natureza. E, neste caso, mais o é ainda, por serem esquecidas as múltiplas provas de carinho dos professores primários para com a Liga da Profilaxia Social, a pedido de quem foi feita a conferência.

Ora, se não pode deixar de haver joio num campo com a grandeza do da escola primaria, o que é altamente condenável é que, por incapacidade ou levianidade, qualquer ceifeiro não poupe o que é bom, para atacar tão pequena porção de erva daninha.

Que contraste entre o sr. dr. Agostinho da Silva e os verdadeiros valores nacionais!

—O grande tribuno dr. Alfredo de Magalhães ainda não ha muito que pres- tou comovida homenagem à memória do seu professor primário. E a História dos nossos dias está a imprimir, em letras eternas, o gesto significativo e comove- dor com que o Grande Português e ve- nerando Presidente da República, acaba de acarinhar velhinhos obreiros da Es- cola Portuguesa.

Como é descompassada a diferença das pessoas!

X.

Visado pela Comissão de Censura

Pela sua importância, encontra-se na primeira plana o problema do abastecimento de água à cidade. Com efeito, apesar de mais de duas centenas de contos gastos ultimamente em explorações novas na vertente da Serra de Santa Catarina e conse- quente aumento do caudal de verão em cerca de duzentos metros cúbicos diários, é certo que a falta de água se fez sentir.

Seria erro supor que tal facto se deve à existência de menos água que nos anos anteriores. O aumento do caudal é um facto; os centenares de contos gastos na Penha não foram dispendidos em vão. Mas é evidente que a água captada ainda está muito longe de satisfazer. Não é, porém, menos certo que um dos factores principais desta insuficiência está no aumento do consumo que nos últimos anos se tem acentuado nitidamente. Cresceu extraordinariamente o número de prédios com água canalizada e são numerosos os estabelecimentos que agora fazem um grande consumo do precioso liquido. Não será ainda arrojo afirmar que a necessidade de higiene se faz sentir cada vez mais às classes trabalhadoras e que, por isso, também estas fazem maior consumo de água. Daqui resulta que mantendo-se estacionária a sua população, a cidade de Guimarães está a precisar de muito maior volume de água do que necessitava há poucos anos.

O problema não tem sido descuro- rado. As diversas comissões admini- strativas que após o 28 de Maio de 1926 têm gerido os negócios do município, bem como a Câmara da presidência do sr. Capitão Magalhães Couto nunca deixaram de trabalhar na solução desse magno problema. A Câmara a que presidiu o saudoso Dr. António da Mota Prego (1928-1931) viu-o em todo o seu alcance, em conjunto com o problema do saneamen- to, e intensificou a exploração em novas minas na Penha.

A comissão administrativa de 1934-1937 gastou naquelas obras mais duma centena de contos, tendo visto crescer-se de mais de cem metros cúbicos diários o volume de água existente.

Esta solução, porém, apresenta- va-se morosa e pessoas autorizadas havia que afirmavam categórica- mente que o sub-solo da Penha não poderia nunca acumular água suficiente para o abastecimento da cidade. Pessoas entendidas indicaram como remédio eficaz e único o re- curso à água do Ave, que seria ca-

ptada um pouco a montante da Pon- te das Taipas. Interrogado um téc- nico sobre o custo da instalação, foi a câmara informada de que não teria de gastar senão entre 500 a 600 contos para conseguir um volume de três mil metros cúbicos de água por dia. Quanto à qualidade já a câmara estava informada, por análise feita em estabelecimento do Estado, de que a água do rio era sensivelmente igual à das minas da Penha. Não havia pois que hesitar e o técnico foi en- carregado de organizar o projecto.

Quando êste foi apresentado um ano depois, 1936, viu-se pelo orça- mento que a execução custaria dois mil e oitocentos contos!!! E como se não tinha tomado em conside- ração uma grande alta no preço do ferro, que então se deu no mercado, era razoável supor que aquela verba se elevaria a mais de três mil con- tos. Perante cifra tam elevada era legítimo e necessário ponderar o caso. Foi o que se fez.

Por felicidade encontrou o sr. ca- pitão Magalhães Couto, no arquivo da Câmara, um relatório elaborado há cerca de 50 anos pelo conhecido geólogo Paul Choffat precisamente sobre a questão do abastecimento de águas à cidade de Guimarães. Nêle afirmava o seu autor que no sub-solo da serra da Penha se po- diam conseguir 1.200 metros cúbicos de água por dia na estigagem. A ser assim, como as necessidades da população vimaranense estão ainda muito longe desse volume, o que há a fazer imediatamente é continuar a exploração das minas da Penha até que se consiga o máximo rendimen- to. Ao Ave não deverá recorrer-se excepto para suprir o deficit da Penha, quando o houver. E para esse efeito a instalação ficará muito longe da cifra apavorante dos três mil contos.

J. F. S.

Falecimento

Repentinamente faleceu na quarta-feira, a distinta pianista sr.ª D. Lucília Alijó de Lima Laranjeira, esposa dedicada do sr. João Laranjeira dos Reis. Contava 30 anos de idade e apesar da sua tão aba- lada saúde nada fazia prever tão rápido desenlace. Os seus funerais realizaram-se ontem, na Igreja da Misericórdia, sendo muito concorrido.

A família enlutada, em especial a seus pais e marido, o nosso pesar.

Ao cabo de vinte anos

Dos vários relatórios apresentados ao 18.º Congresso do Partido comu- nista da U. R. S. S. pode tirar-se a seguinte conclusão:

a) No que diz respeito à situação económica, esta, segundo a confissão dos próprios dirigentes bolchevistas, está longe de ser brilhante. Os planos previstos reflectem bem, na sua relativa modéstia, a situação pouco florescente da indústria e do Comércio da U. R. S. S.

b) Sob o ponto de vista de política interna, as depurações em massa suscitaram um descontentamento que os dirigentes tentam anular com promessas de «democratização» do partido e de suavização das medidas disciplinares.

c) Quanto à política exterior, nada nos permite supor que se tenham modificado os objectivos do comunismo de permanecer na espec- tativa e de fomentar, em caso de guerra, a revolução no interior das nações beligerantes.

d) O Komintern registou, a partir de 1934, êxitos indiscutíveis que deram, porém, lugar, nos últimos tempos, a desaires não menos indis- cutíveis. O relatório apresentado ao Congresso por Manouiski prova que o comunismo não desarma e que só espera a primeira oportunidade para reaparecer à luz do dia, mais peri- goso que nunca.

Grave risco correm, por isso, de se arrependerem amargamente os que ainda se deixam embalar pelas can- tigas do pacifismo e do amor uni- versal, entoadas, em côro, mas desa- finadamente, pelos comunistas.

* * *

Todo o conforto moderno...

O *Velcherneya Moskva* (isto é, *A Noite de Moscovo*), no seu número de 22 de Abril deste ano, refere-se nos seguintes termos ao prédio n.º 15 da rua Kostiansky:

«Este prédio, segundo afirmam, possui todos os confortos moder- nos. Os inquilinos, no entanto, não são da mesma opinião. Os fogões da cozinha são a gás, mas, como êsses fogões não têm mais do que duas «bocas» para as cinco ou seis famílias que habitam cada parte da casa, acontece que a maioria dos inquilinos não se pode servir deles... Há já muitos anos que reclamam mais fogões e esquentadores, mas sempre em vão. No prédio, falta água com frequência. Reconhece-se a urgência de certas reparações, mas ninguém trata de as fazer. Os ge- rentes da casa chegam a ser cinco em cada ano...»

Se é a isto que se chama na U. R. S. S. um prédio com todo o conforto moderno, o que será o que o não tenha? É fácil, imaginar o quadro negro das famílias aglomeradas, em trágica promiscuidade, morrendo de frio e de fome.

Associação Comercial

Em assembleia geral desta colectivi- dade foi resolvido que a mesma se trans- formasse em Grémio do comércio de Guimarães. Brevemente será convocada nova reunião para a aprovação dos es- tatutos.

DA MOCIDADE

IMPÉRIO

FÔRÇA oculta, enraizada na própria essência da alma e do carácter dos portugueses, tal o vigor como se forma e a persistência como renasce, fôrça imperativa que nos atirou para o Mar, através de tóda a história — o Ideal do Império!

Esboçado e vago com o Infante, cresce com a inteligência voluntariosa de D. João II, corporiza-se com o grande chefe Afonso de Albuquerque.

E' o primeiro Império! Findado êste, pela vontade forte e clarividente visão da história, D. João III — caluniado por um século de liberalismo malsinador — nos lança para a construção do segundo Império! E dêsse sonho, do novo rumo que o Ideal português procura, nasce êsse potentoso Brasil.

Novo golpe assassino recebe, e êste da mão dum português: o vingativo Pombal. O Brasil, as Africas, obra dos jesuítas (principalmente o primeiro), obra que custou sacrifícios, a morte até, é paga pela expulsão, começando de novo a decadência do Império.

Tentou-se salvá-los, mas era tarde. A traição de maus portugueses, adulterados pelos falsos mitos de 89, fazem-nos perder o Brasil e o rumo imperial de Portugal, nas suas províncias ultramarinas.

Uma geração, em pleno caos liberal, geração que guardara as virtudes ancestrais na Raça, tenta erguer de novo o ideal imperial, cresce para Africa, ocupa, pacifica, refaz e fixa as novas fronteiras: é Capelo, etc.; é Mousinho!

Mas o vento da insânia bate fortemente Portugal, e o IV Império esvai-se.

E' a noite negra da nossa história imperial — a verdadeira decadência. Nasce então a mentira do *país pequeno!*

E até parecia que tudo se subvertia; parecia o fim...

E durante um século, século negro, densas trevas — aclareadas de vez em vez por chamas altas mas que morriam logo — vivemos no desconhecimento completo das Terras dos Mares de além.

E então, como na lenda da fénix, de novo tremem as cinzas, e a chama alta do Império brilha iluminando a Terra! Novamente o sonho do Império ganha forma e encontra o velho Ideal português.

E' a re-descoberta do Império. Sonho grande, de nossos dias.

Em breve, já não a cruz de Cristo das velas das caravelas, mas asas dos aviões cruzarão êsses mares e ares nunca doutra navegados no Rumo daquelas terras onde o sol nunca se esconde, terras da nossa terra, bocados da nossa Pátria Imperial.

LUSO.

A INTRIGA

Fôlha de doutrina

FALEI-VOS da traição. Do seu conhecimento e dos meios que temos para combatê-la já tomastes também conhecimento. Falemos hoje da intriga, a arma de que o traidor mais se serve.

E serve-se dela porque o traidor é sempre um cobarde.

São suas vítimas, sempre, as pessoas cuja recitação de carácter, cultura e passado, nunca a calúnia conseguira atingir, salpicando-as de lama.

E como medem os outros por si — quem não deve não teme, diz a voz do povo — são quasi sempre apanhados desprevenidos e só depois de muitos sacrifícios a Verdade é de novo restaurada.

As mais das vezes a justiça só é prestada mais tarde.

Por isso, ainda e sempre, para a combatermos, precisamos, primeiro, de bem conhecer as armas de que ela se serve.

A intriga começa pela adulação. O intriguista é *muito boa pessoa*, concordando com tôdas as opiniões, apoiando todos os alvitres lançados, defendendo tôdas as resoluções.

Depois, conta-nos tudo o que sabe ou ouve dizer, procurando a confiança da pessoa a trair.

Faz todos os impossíveis por se apresentar como o ser mais sincero que existe. E, para convencer, chega até ao extremo de arranjar defeitos que não tem, contando casos pessoais da sua vida que nada interessam, verdadeiros ou inventados, só para se apresentarem como a lealdade personificada.

Conseguem a amizade. Em seguida começa a intriga, deturpando os pensamentos do traído,

princípio por o «disse», «parece-me», com adjectivos ainda à vítima, mas sem assumir ainda as responsabilidades.

Consegue-se o fim em vista. Nesta altura o intriguista, o traidor, desmascara-se, aparece então, cantando vitória, adulando o novo senhor, a nova vítima, que espera a sua vez. Aqui principia de novo a história.

* * *

Um exemplo, tirado da nossa História.

Por morte do Rei D. Duarte tomou conta da regência do reino, durante a menoridade de D. Afonso, seu irmão o Infante D. Pedro.

Culto, justo e nobre, governou o País com aquela superioridade que é timbre dos homens com honra. Por isso mesmo arranjou muitos inimigos: cobardes como sempre.

Abandonando a regência, começa a intriga minando, vendo-se êle vítima das mais baixas maquinações.

Acusado de desleal e traidor, parte, de Coimbra — acompanhado do seu inseparável amigo D. Alvaro Vaz de Almada, Conde de Abranches, o maior guerreiro do mundo no seu tempo, e de alguns homens de armas — para repor a Verdade no seu lugar.

Mas já era tarde. A intriga conseguira que D. Afonso V se convencesse de que o seu tio vinha para lhe dar batalha.

E a batalha travou-se em Alfarrobeira.

Apanhados de surpresa foram logo mortos os poucos homens da hoste de D. Pedro, pelo verdadeiro exército do Rei. Vasado D. Pedro, por uma seta, em pleno coração, fica somente o Conde de Abranches em luta contra tantos inimigos. A sua volta fazia-se uma clareira. Na verdade era

(Continua na 6.ª página)

A Secção Colonial da Exposição do Mundo Português

Embora recentemente iniciados, os trabalhos da «Secção Colonial» da Exposição Histórica do Mundo Português vão já muito adiantados, estando em construção nada menos do que dez pavilhões.

Dirigem as obras os srs. Melo Breiner, Vasco Regaleira e Moura Coutinho.

Aproveitando uma desafogada área por detrás do quartel de cavalaria 7, está sendo edificado o pavilhão representativo de Angola e Moçambique. O projecto dêste pavilhão é do architecto Raúl Lino. Um outro pavilhão será destinado a «Caça e Turismo» — e aqui se organizará uma curiosa exposição cinegética. Foi o architecto Melo Breiner quem desenhou o projecto dêste pavilhão.

Também não foi olvidada a participação missionária na obra civilizadora de Portugal. Para a fazer representar condignamente, o architecto Vasco Regaleira compôs e dirigiu a construção duma linda capela com um claustro e um anexo destinado à documentação da obra missionária nacional. O Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa escolheu para coordenar e orientar a parte litúrgica da instalação o padre Alves Correia, procurador das Missões do Espírito Santo em Lisboa.

A direcção dos trabalhos de decoração interior dos vários pavilhões está a cargo do pintor Roberto Araújo e a dos trabalhos de decoração exterior a cargo do escultor Manuel de Oliveira.

De todos os pavilhões foram feitas prévias maquetas.

CORPORATIVISMO Problemas Municipais

A organização Profissional e as formas de governo — Por Miguel Cantilo.

(Continuação)

«Do que procede é fácil concluir que no seio destas corporações estão em primeiro lugar os interesses comuns à profissão; entre os quais o mais importante é vigiar por que a actividade colectiva se oriente sempre para o bem comum da sociedade. As questões que se refiram aos interesses particulares dos patrões ou operários poder-se-ão tratar e resolver separadamente» (1).

E a encíclica *Divini Redemptoris* confirma a asserção (2).

Notemos aqui como a encíclica *Quadragesimo Anno* nada diz da organização corporativa política, chamemo-lhes assim, de harmonia com a acertada distinção de Riche (3), separando-a da organização corporativa económico-social. É lógico, porque não são essenciais ao corporativismo cristão as formas de governo tradicionais de cada país; basta que estas respeitem a liberdade e a actividade dos indivíduos e das organizações naturais. Daqui o n.º 93 da encíclica *Quadragesimo Anno*: «Apenas é preciso recordar que os ensinamentos de Leão XIII sobre a forma do governo político se aplicam também na devida proporção às associações ou corporações profissionais: é licito aos seus membros eleger a forma que lhes aprouver, com tanto que atendam às exigências do bem comum».

d) *Princípio de universalidade orgânica*. As palavras da *Quadragesimo Anno* no n.º 90 rezam assim: «Os que se ocupam numa mesma arte ou profissão, quer económica quer de outra espécie, formam as associações ou corpos» (o sublinhado é nosso). Indicam-nos, pois, que um são corporativismo compreende no seu seio todas as actividades humanas, excepto as de competência eclesiástica, que por direito divino correspondem à Igreja, e as que são de competência exclusiva da autoridade pública. Não esqueçamos que em todas estas actividades os três princípios acima mencionados são exigidos como essenciais ao regime corporativo cristão. Urge frisar que o corporativismo, segundo a encíclica *Quadragesimo Anno*, não dá a primazia à questão económica sobre as restantes actividades; contudo, não deixa de a reconhecer digna de maior atenção pela sua complexidade, importância e necessidade de regulamentação.

Este princípio foi muito bem compreendido pelo chefe do Governo Português quando, no seu discurso de 20 de Maio de 1934, acentuou o perigo de criar-se um regime corporativo, com concepções socialistas e materialistas, que dão aos factores económicos a primazia única e total de todos os factos: «O socialismo trouxe-nos a concepção materialista da história, vendo na essência da evolução das sociedades somente os interesses económicos na aceção mais positiva e independente da superioridade do espírito. Esta ideia tem o perigo de influenciar aquêles mesmos que, reagindo contra os desmandos liberais e socialistas, defendem o Estado corporativo. A ten-

dência seria, assim, porventura, só para a disciplina da produção, pela existência de corporações económicas e estas mesmas sem grandes preocupações de outra índole. Não é este o nosso pensamento. Na organização das corporações económicas deve ter-se em vista que os interesses por elas prosseguidos ou, melhor, os interesses da produção têm de subordinar-se não só aos da economia nacional no seu conjunto, mas também à finalidade espiritual ou destino superior da Nação e dos indivíduos que a constituem» (4).

II. O regime mais apto para a vida e desenvolvimento do corporativismo

Tratemos, agora, do ambiente necessário ao corporativismo cristão, o qual, *embora se tenham sempre em conta as circunstâncias de tempo, de lugar e de pessoas*, possui características especiais. Esse ambiente é um regime dotado de adaptação às formas de governo não contrárias ao bem comum nem à justiça. Digamos sem temor, não obstante os escândalos que possam sofrer os superficiais, que o corporativismo cristão exige um regime, cujo ideal seja a fórmula de Linse mann: «a maior liberdade possível dentro do limite duma vida moral». Esta fórmula, segundo o pensamento exacto de Messner, é o fruto da sociedade cristã (5). Por isso, é opinião de sociólogos eminentes que dificilmente se poderão realizar os postulados da *Quadragesimo Anno*, se não se puserem antes em prática os ensinamentos de Leão XIII nas encíclicas *Diuturnum Illud* e *Immortale Dei*.

Se alguém se escandalizar, é porque toma a palavra «liberdade» no sentido que lhe não é próprio. Liberdade não é nem pode ser licença desenfreada. Liberdade, segundo S. Tomaz, «est dominium et potestas sui actus ad opposita», ou seja o poder ou o domínio da vontade para fazer o

(Continua na 7.ª página)

(1) Oliveira Salazar, *Discursos*, 1928-1934., Coimbra Editora, L.da, 1935, págs. 340-341.

(2) *Die Soziale Frage der Gegenwart*, pág. 583.

...Sr. Director do Jornal
Ressurgimento:
Guimarães.

No número de 17 do corrente do *Ressurgimento* fez o sr. dr. Rocha dos Santos publicar uma nova epístola de que só tomamos conhecimento depois de enviada a v. ex.ª a nossa carta datada de 14 do corrente.

O sr. dr. Rocha dos Santos é advogado sendo-lhe natural o jeito de enredar as questões, pelo que lhe não custa tirar do enredo conclusões nem sempre de harmonia com os preceitos legais e com a verdade dos factos.

Já se disse que a mais importante das contas em dívida, quando cessaram os nossos trabalhos na Câmara, deveria ser a conta da luz pública que não foi paga por o respectivo fornecedor se recusar a receber com as deduções que lhe eram justa e legalmente feitas.

Tal conta porém refere-se, pelo menos, a três trimestres de 1938, e já sabemos que foram pagos, à firma B. Jordão & Filhos, 60 (sessenta) contos.

E' natural — iam quasi afirmá-lo — que as restantes contas em dívida digam respeito, em grande parte, a fornecimentos de artigos para obras realizadas na gerência de 1938, e que se fôsem pagas nesta gerência (e poderiam tê-lo sido, visto que transitou para 1939 um saldo de 376.584\$77) apenas teriam influência nesse saldo, que não foi orçamentado para 1939, o que fizemos propositadamente.

Vê-se assim que a grande parte, se não a totalidade, das contas em dívida no momento em que saímos da Câmara se refere ou à luz pública nos anos de 1938 e 39 ou a obras realizadas na gerência de 1938 e em curso em 1939 o que deixa perfeitamente intacta a nossa afirmação de que a Câmara foi regulando as suas despesas pelas receitas arrecadadas no ano de 1939.

E como não havia de ser assim se as contas de gerência de 1938 fecham com um saldo de 376.584\$77, e no ano de 1939 se receberam — diz o sr. dr. Rocha dos Santos — 937.263\$14 e foram gastos apenas 920.715\$00, havendo por isso um saldo de 16.548\$14 da receita sobre a despesa?

Insiste o Sr. Dr. Rocha dos Santos na mesma afirmativa a propósito da

confusão que faz de terrenos expropriados e a expropriar no alargamento da rua dos Palheiros.

O Sr. Doutor pegou — como se viu — em alguns números do plano de actividade para 1939 e deduziu-lhes a importância de 183 contos dos terrenos *expropriados* para o referido alargamento e concluiu que só tinha 117 contos que não chegavam para cobrir o reforço das verbas de despesa.

Se na sua demonstração tem o Sr. Dr. Rocha dos Santos contado com o custo dos *terrenos a expropriar* até à Burnaria e com o dos edifícios, não só não teria 117 contos para reforço das verbas de despesa como ainda teria de ir buscar dinheiro a outra parte.

E depois somos nós que faltamos à verdade.

A obra de alargamento da rua dos Palheiros estava dotada no orçamento com a verba de 600 contos que tinham de vir do empréstimo projectado de 3.500 contos, e, se é certo que tal importância não chegava para concluir a obra, também é certo que pelo orçamento de 1939 não seria necessário gastar maior quantia.

Durante a gerência de 1939 tínhamos tomado a resolução inabalável de não exceder nenhuma das verbas de despesa, sendo qualquer reforço feito à custa de verbas das obras que se não realizassem ou tivessem dotação excessiva, o que nos facultaria — segundo o cálculo que fizemos para as receitas — um saldo de, pelo menos, 300 (trezentos) contos que junto ao do ano anterior, que não foi orçamentado, daria um saldo de gerência de mais de 600 contos com que contávamos para as despesas das festas dos centenários, sem haver necessidade de recorrer a dinheiro de empréstimos.

Como v. ex.ª vê, sr. dr. Rocha dos Santos, pensou-se em tudo e de muito longe.

* * *

Já dissemos que para integral realização do plano de actividade para 1939 era necessário contrair um empréstimo de 3.500 contos, empréstimo este já aprovado pela Câmara e pelo Conselho Municipal com a aprovação do plano anual de actividade para 1939.

Não demonstrou o sr. dr. Rocha dos Santos — nem sequer o disse — que as receitas orçamentadas fôsem superiores às normais, e desde que se contraísse o empréstimo, só por facciosismo pode o sr. dr. Rocha dos Santos negar a possibilidade de se gastarem as verbas destinadas às diferentes obras mencionadas no orçamento.

A menos que sua ex.ª também não ache possível o levantamento do empréstimo que propôs...

Mas é possível é, tal empréstimo, e até de quantia muito superior, pelo que o Município de Guimarães está hoje em condições de exercer uma larga e benéfica influência sobre a economia do concelho.

Erro e grande erro é, e nele tem grande responsabilidade o sr. dr. Rocha dos Santos, não se aproveitarem as festas dos centenários para trazer a Guimarães a maior soma de benefícios que certamente o Estado nos não recusaria, se nos mostrassem dispostos a trabalhar com vontade.

(Continua na 8.ª página)

CAMILO

CAMILO, ONDE É QUE ESTÁS, QUE ESTÁS TAM MUDO?
ONDE É QUE ESTÁ A TUA VOZ CALADA?
OLHA QUE TRÁGICO SAÍU O ENTRUDO,
— E AINDA VAI NO MEIO A MASCARADA!

CHAMO POR TI, DEBALDE TE SAÚDO!
E TU NÃO ME RESPONDES Á CHAMADA!
SE TU QUISESSES VARRERIAS TUDO,
ASSIM SOASSE A TUA GARGALHADA!

CRESCEU, CAMILO, A ESTIRPE DOS MACÁRIOS.
NÃO VÊS A NOSSA TERRA EM ALMOEDA!
FOI ESSA A OBRA DE CALISTO ELÓI!

COM FUROR DOS VÊLHOS SAGITÁRIOS
LEVANTA O VARAPAU, GRITANDO: — «ARREDA!»
E DÁ DEVERAS SEM PENSAR QUE DOI!

ANTÓNIO SARDINHA

(DA PEQUENA CASA LUSITANA).

(1) *Ibid.*
(2) Cf. *Mensageiro do Coração de Jesus*, loc. cit., págs. 442.

(3) *Pour la paix sociale*, Liège, 1937.

RECORDANDO

NO MÊS DE S. JOÃO

Eis passado o mês de Junho, e com ele as festas Sanjoaninas, que na capital do Minho, — cidade do Primaz, berço do 28 de Maio, — adquiriram todos os anos um brilho incomparável.

Ali acorrem milhares de forasteiros de todos os pontos do País — deste País, berço de heróis, como Nuno Alvares, Pedro Alvares Cabral, Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, Mousinho, e, sobretudo dos valentes «Viriatos» que sem interesse algum além do de defender a nação vizinha do marxismo satânico, fôram para fora do continente português abandonando as suas famílias, as suas vidas particulares; do País das Raíñas, dos trovadores enamorados da sua beleza sem par, — a fim de assistir às festas Sanjoaninas.

E Ela, — a cidade hospitaleira, — recebe-os, — porque os sabe receber, — de braços abertos.

Por isso, nunca deixou de ser olhada com um certo respeito, pelos habitantes do «jardim da Europa à-beira-mar plantado».

Pelos descendentes que em Ourique, Aljubarrota, Magul, La Lys, etc., souberam defender intrèpidamente a Pátria de Afonso Henriques, de Salazar.

Pátria de arrojados aviadores que sem vaidade, que não seja a de pretender elevar bem alto o nome de Portugal, seguem a carreira da invenção do brasileiro Santos Dumont, dos franceses Farman e Delagrange e dos americanos Orville e Wibur Wright.

Assim o têm provado muitos, como o tenente Oscar Tôrres, que na Grande Guerra em luta com os alemães perdeu a vida.

Assim o demonstrou em 1922, o Almirante Gago Coutinho e o seu companheiro da viagem e camarada da aeronautica naval, de saúdosa memória, Sacadura Cabral, — que para sempre desapareceu no Oceano Atlântico.

Provou em Vincennes, o capitão Plácido de Abreu, a 10 de Junho de 1934.

Novo, — visto contar nessa altura 31 anos de idade, — mas com um coração de verdadeiro português, pretendia colocar Portugal a par das grandes nações onde a aviação tinha adquirido lugares de destaque.

Pretendia trazer para Portugal o 1.º prémio adquirido no Campeonato Mundial de Acrobacia Aérea.

E por isso, em confissão a um amigo dizia: «Ou arranco a primeira classificação ou estouro».

Em certas escritas a sua espôsa dias antes de começar as provas, dizia-lhe:

«Seja o que Deus quiser. Ataqueei esta empresa que parece fácil a quem está de longe, e não calculas por vezes as raivas e desesperos que tenho, aumentados com a vontade de regressar e abandonar tudo isto.»

Plácido de Abreu dizia-o mas não o fazia, porque nas suas veias corria o sangue de português, e, como o português tem por norma, «antes quebrar que torcer», Plácido de Abreu tinha de completar as provas ou morrer.

E, assim, no momento terrível, dominado pelo heroísmo e vindo da morte, executava no espaço a pequena altura do solo, «figuras livres», que eram admiradas pela assistência que estava presa do arrojado do jovem aviador.

Mas, Plácido de Abreu, não podia tirar a primeira classificação, — porque o seu aparelho não era destinado para isso, — e, por isso, num admirável «tonneau», o «Foguete» trágico, a tóda a força dos seus 225 cavalos, espeta-se no solo francês, para nunca mais ser levantado sem que as chamas do fogo tivessem queimado o glorioso aviador e reduzido a cinzas o «Avro».

Momentos terríveis de aflição para quem assistiu.

(Continua na página imediata)

“Brotéria,”

Sumário: — Lúcio Craveiro da Silva: «Filosofia dos Valores e Tomismo». — Miguel Bullrich Cantilo: «A organização profissional e as formas de governo». — M. Esteves: «Do humanismo helênico à revolta do super-homem». — ***: «20 anos de comunismo». — A. Homem do Carmo: «Os adventistas do sétimo dia». — J. Da Costa Lima: «Da Babel das Artes». — Afonso do Paço e Eugénio Jalhay: «A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro». — «Revista de Revistas».

Bibliografia: — I. «Portuguesa» — Santa Clara (António de), «Cartas do Extremo Oriente»; Padre Moreiras das Neves, «As sete palavras de Nossa Senhora»; Coutinho (Doutor Bernardo Xavier da C.), «Acção do papado na fundação e independência de Portugal»; Torre Negra (Henrique Manuel da), 1 — «Ilha dos Amores», 2 — «O maior erro de tódas as edições de Os Lusíadas»; Oliveira (Alberto de), «Poemas de Itália e outros poemas»; Mancelos Sampaio (J.), «1640 em Barcelos»; Carvalho (Alfredo de), «Os portugueses em Bordéus, durante o século XVII»; Cabral Moncada (L.) «O idealismo alemão na história da filosofia do Direito

em Portugal»; Beirão (Caitano), «Via Latina»; Melo de Matos (Gastão de), 1 — «A Anticatatrophe», 2 — «A falsa história da Restauração»; Botelho de Amaral (Vasco), «Estudos vernáculos»; Cidade (Hernani), «Tendências do lirismo contemporâneo». «Do Oaristos às Encruzilhadas de Deus»; Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, «S. Salvador de Travanca»; Magalhães (Perfeito de), «A habitação»; Andrade (Ruy de), «Como o artista lisboeta Alfredo de Andrade, então jovem encarava alguns problemas de edilicia citadina, em 1857» e «Livro do Legionário»; Castelo (José), «Poeira de cantigas» e «Inauguração da Sala do Brasil»; Marques Gastão (Manuel), «Teixeira de Pascoais», «Fialho de Almeida» e «Edições da Editora Nacional».

II. Estrangeira — Garrigou-Lagrange (O. P.), Reginaldus, «De Deo Uno. Commentarium in primam partem S. Thomae» e «Edições da Bonne Presse»; Mandonnet (O. P.), Pierre, «Saint Dominique. L'idée, l'homme et l'oeuvre»; Puig (S. J.), Ignácio, «Actualidades científicas»; Lithard (Père V.), C. S. Sp., «Spiritualité Spiritaine»; Battelli (Guido), «Due celebri monaci portoghesi in Firenze nella prima metà del quattrocento».

ANGOLA E BRASIL INTRIGA

(Continuação da 4.ª página)

A mocidade inteligente de Angola está sentindo com verdadeira lucidez a necessidade de conhecer o Brasil e de se tomar conhecida do grande país sul americano.

E' essa uma natural aspiração, que facilmente se pode realizar, pois há no Brasil o maior interesse pelas coisas africanas, já pelo que elas representam de íntimo parentesco em todos seus aspectos, já pela íntima certeza de que, num futuro não longínquo, o Brasil e Angola se hão-de entender estreitamente no efectivo domínio do Atlântico-Sul e nas relações comerciais de larga envergadura com o Oriente através da nossa Africa. Por enquanto, os sonhos são mera literatura e artigos de visionários. Logo, porém, que os estudos africanos atinjam o desenvolvimento que é de esperar e os muitos mi-hões do Oriente necessitem dos produtos brasileiros e africanos — a literatura volver-se há realidade económica e política e todos falarão nos precursores... — *Ocidente*.

o maior cavaleiro que a Meia Idade conheceu!

Até que cansado, já sem forças, de tanto lutar, olhando o cêrco que o inimigo, que cobardemente esperava que caísse para se lançarem sobre ele — atira-se ao chão e grita:

— «FARTAR VILANAGEM!»

Repetira-se a fábula do leão moribundo.

Na verdade, vendo o inimigo temível por terra, até o burro (sempre os burros) lhe deu um coice e cantou vitória!

VANGUADISTA.

CASA DOS PIANOS

DE

Delfim Ferreira Peixoto

RUA DE S. MARCOS, 78, 81 e 83 — BRAGA

Completos sortidos em pianos, harmoniums e instrumentos musicais, novos e usados, e acessórios concernentes a estes. Afina, conserta e aluga todos os instrumentos musicais. Nesta cidade aceita pedidos e dá referências, Francisco x x x x Correia Lopes, rua D. João I.º, 30 — Guimarães. x x x x

JOÃO FERREIRA DAS NEVES

Rua de Santo António — Telefone 181
GUIMARÃIS

HORÁRIOS DAS CARREIRAS DE CAMINHETAS

HORÁRIOS DAS CARREIRAS DO PEVIDÉM

Guimarães	Pevidém	Pevidém	Guimarães
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
7,35 A	7,50	8,00 A	8,15
8,05 F	8,20	8,30 F	8,45
8,20 B	8,35	9,00 B	9,15
12,00 C	12,15	12,30 C	12,45
16,30 B	16,45	17,15 B	17,30
19,15 D	19,30	19,30 D	19,45
20,35 E	20,50	20,55 E	21,10

A — Efectuam-se diariamente excepto aos Domingos.
B — Efectuam-se aos Sábados.
C — Efectuam-se diariamente.
D — Efectuam-se de 1 de Dezembro a 30 de Junho.
E — Efectuam-se de 1 de Julho a 30 de Novembro.
F — Efectuam-se só aos Domingos.

HORÁRIO DA CARREIRA DA PÓVOA DE VARZIM

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
7,15	9,55	17,15	19,50

Efectua-se todo o ano

De 1 de Julho a 30 de Novembro

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
7,15	9,55	18,35	21,20

De 15 de Junho a 15 de Novembro

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
11,45	14,25	8,00	10,40

HORÁRIOS DAS CARREIRAS DO PORTO

Guimarães	Porto	Porto	Guimarães
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
8,05	10,00	8,00	10,00
12,35 C	14,30	12,30 C	14,25
18,20	20,15	17,00 A	19,05
		18,30 B	20,25

A — Só se efectua de 1 de Dezembro a 30 de Junho.
B — Só se efectua de 1 de Julho a 30 de Novembro.
C — Não se efectua aos Domingos.

CORPORATIVISMO Recordando

(Continuação da 3.ª página)

(Continuação da página anterior)

contrário. Noutra parte, diz que *«poder querer o mal não é liberdade nem sequer parte dela»* (1).

Com a palavra liberdade tampouco significamos a proclamada pela revolução francesa, fundada em falsos princípios racionalísticos e não no direito natural. O corporativismo traz consigo o benefício duma liberdade controlada. Basta recordar que a corporação, no seu conceito exacto, pode limitar as liberdades individuais de direito natural, caso o exija o bem colectivo profissional ou nacional. Já dissemos que esse poder não é ditatorial. As correntes ideológicas tendem, hoje, para a supressão da pessoa humana e de seus direitos inalienáveis. Basta conhecer um pouco as tendências filosóficas modernas que exaltam o todo social como um absoluto, cujas partes individuais não passam de instrumentos cegos. Aqui encontramos a raiz dos erros do nacional-socialismo alemão. A filosofia social católica opõe-se a tal concepção. A sociedade não é uma máquina, nem um organismo, nem sequer uma colónia, um agregado cujas células encerram as partes menos importantes da pessoa humana. A ordem social é geral, e por isso não totalitária. A natureza e o destino das almas transcendem o plano temporal das sociedades humanas. Têm o valor do que é eterno. Donde, querer absorver a pessoa, querer afogá-la dentro da sociedade, é deshumanizá-la. «A pessoa está admiravelmente provida, pelo Criador, dum corpo e duma alma; é um verdadeiro «microcosmos», ou seja, um mundo em miniatura que vale, por si só, muito mais que todo o universo unânime» (Pio VI).

O homem é livre, mas a sua liberdade está subordinada a outros bens sociais maiores; tem limites, porque o homem é, também, por essência, um ser social. Chamamos a estes limites vida moral. A vida moral é individual e social por natureza. Até hoje, o individualismo exagerou o primeiro conceito. Actualmente, exagera-se o segundo. Mais: nalgumas nações, estabeleceu-se, como princípio incontestável, que o indivíduo não tem nenhuns direitos dados pela natureza; só o Estado pode concedê-los.

A fórmula adoptada é, portanto, justa. Um são regime corporativo é regime de justo meio; a maior liberdade, dentro do campo, suficientemente extenso e ao mesmo tempo limitado, duma vida moral, individual e social. Um são corporativismo quasi espontaneamente produz esses bens. Como assim? O corporativismo introduz a justiça social e uma genuína solidariedade. Obtém a primazia do bem comum sobre o bem individual. Tira do Estado a preocupação e a direcção de tantos problemas que não lhe competem e que teve de tomar a seu cargo, pela ausência de órgãos intermédios. Tende, ao mesmo tempo, para uma verdadeira ordem social e universal, cuja consistência deriva de leis oficiais e de direito público, emanadas do Estado com auxílio e consulta das corporações.

Isto, dito sumariamente, junto com os princípios já expostos, parece bas-

tar. Resta-nos reproduzir as directivas, que deve seguir o Estado num são corporativismo, tais quais as apresenta o comentário de *l'Ecole Normale Sociale à Quadragesimo Anno*, expostas frequentemente nos discursos de Salazar: «O Estado está encarregado essencialmente do bem comum; deve assegurar a defesa do país, a paz interna e externa, a justiça, a ordem, a defesa dos fracos, o desenvolvimento do bem temporal. Sua maneira de proceder deve ser tal que: 1) respeite os direitos inalienáveis da pessoa humana individual e da família, anterior ao Estado; 2) intervenha em tudo, por meio de medidas gerais, deixando as aplicações particulares à iniciativa individual e profissional ou de grupos que, por direito, lhes assiste; 3) deixe às organizações autorizadas, às associações profissionais um desenvolvimento livre de actividade espontânea, reduzindo a sua acção a sustentar e apoiar as suas iniciativas, mantendo-as dentro da ordem e coordenando-as todas ao Bem comum geral» (1).

Ao falar na fórmula adoptada «dentro dos limites duma vida moral», incluímos o outro remédio que a *Quadragesimo Anno* trata com bastante extensão e põe como «conditio sine qua non», a saber, «a reforma dos costumes»: «a esta restauração social tam desejada deve preceder a renovação profunda do espírito cristão, do qual se apartaram desgraçadamente tantos homens dedicados à economia; de contrário, todos os esforços serão estérteis» (2).

Durante muitas décadas muito se destruiu neste campo. E' tempo de reconstruir. Se, em geral, destruir um edificio leva menos tempo que construí-lo não há razão para admitir que, na construção desta «vida moral», venha suceder o contrário. Observemos, de passagem, esta verdade aos demais apressados na construção corporativa da sociedade. Diz, muito bem, Messner (3) que a necessidade de maior pressão externa para garantir a ordem pública está na razão inversa da cristianização duma sociedade. Actualmente, falta essa organização moral, essa alma que constitui o espírito de justiça e de caridade. Numa atmosfera de neutralidade moral, de materialismo, prático, é impossível aclimatar-se um são corporativismo. O que nos não deve causar estranheza, porque a força, moral da vida corporativa está no dever profissional, no dever do próprio estado. Se faltar a convicção deste dever ou se urge impor-se pela força o corporativismo vai extraviado: ou tem de arrear caminho ou de corporativismo só terá o nome. A pessoa humana desaparece, afogada nos regimes totalitários. As corporações agem, apenas, por imposições. O Estado torna-se senhor omnipotente. Não se lançará fundamento sólido e verdadeiro da organização corporativa, se não reluzirem, nos indivíduos, essas virtudes essenciais do dever, da honra, da alegria, da espontaneidade, numa palavra, da

vida profissional integralmente vivida. «Todo o indivíduo que exerce qualquer actividade profissional, tem o dever, não só de empregar com energia o tempo e as forças no seu officio, mas também de o honrar com uma correcção exemplar, respeito para com os concorrentes e com um serviço justo e leal para com os clientes. Se os chefes e os membros da corporação estiverem imbuídos deste espírito, a disciplina corporativa será fácil e a corporação cumprirá o seu dever profissional, em ordem ao bem público e à ordenada actividade do corpo social. A corporação vale o que valem seus membros» (4).

Podemos, portanto, aceitar a fórmula de Linsemann, porque «a ordem corporativa é uma ordem de liberdade e do bem comum» (5).

(Continua)

(1) *Semaine sociale d'Angers, Conclusions* (1935), Paris.(2) *Die berufständische Ordnung*, pág. 26, Messner.

Concursos de «Ocidente»

O concurso n.º 1 desta Revista — Três Sonetos histórico — trouxe-nos bastantes composições, que foram examinadas, depois de terminado o prazo de recebimento, pelos ilustres Homens de letra Mário Beirão e João Corrêa d'Oliveira, com um dos directores do «Ocidente». A classificação, tomada por unanimidade e apreciando-se em conjunto o mérito de cada série de três sonetos, foi a seguinte:

1.º Prémio — 250\$00 — P.º Moreira das Neves.

2.º Prémio — 150\$00 — Adolfo Simões Müllher.

3.º Prémio — 100\$00 — Miguel Trigueiros.

De páginas 37 a 45 vão publicados os nove belos sonetos, que mereceram a preferência do júri. Não é necessário apresentar aos leitores de «Ocidente» os três poetas premiados. Todos três entraram já nas primeiras linhas da consagração.

Até 20 de Junho, aceitam «Ocidente» as produções para o Concurso n.º 2 — Novelas históricas.

(Da revista «Ocidente»)

A' MARGEM

A ciência soviética!

O encarregado de negócios da U. R. S. S. em Washington, o camarada Oumansky, fez a seguinte declaração a propósito da última viagem da aviação soviética:

«A aterragem forçada dos aviadores foi devida ao gelo da bússola e à falta de hidrogénio.»

Assim mesmo, a darmos crédito à Havas que forneceu a notícia, publicada em *Le Matin*, no número de 1 de Maio de 1939.

E' este jornal comentava assim a explicação oficial:

«Foi com certeza o gelo da bússola que fez arder um dos motores do avião, durante a passagem do estuário do S. Lourenço...» Por outro lado, não se percebe lá muito bem para que foi para ali chamado o «hidrogénio»!

Emfim, tudo isto, no fim de contas, é a cultura e a ciência da U. R. S. S.!

Para quem viu ser consumado naquelas chamas, aquê que ainda na véspera conquistara o 5.º lugar, em competência com grandes pilotos internacionais, como o alemão Fiezeler, o francês Detroyart.

E' pois desta força, que os portugueses são, e por isso, não é para esquecer o trágico desastre que nas festas Sanjoaninas, realizadas na capital do Minho, se deu 14 dias depois do de Vincennes.

Este desastre, em que perdeu a vida um brioso oficial da nossa 5.ª arma, na flor da idade, — o tenente Melo Rodrigues, — não pode passar despercebido aos olhos de quem por felicidade por pouco a êle não assistiu.

Nessa altura, era eu soldado no Batalhão de Caçadores n.º 9. Na véspera do S. João, — dia 23, — fui eu juntamente com 4 soldados, 1 cabo e 1 sargento, nomeado para no Campo de Aviação de Palmeira, fazer guarda aos aviões, que tripulados pelo hoje tenente-coronel Pinheiro Correia, capitães Baltazar, Sérgio Humberto da Cruz, — o herói da travessia aérea a Timor na companhia do saudoso Lobato, — Ciríaco, Dário de Oliveira e o tenente de então Melo Rodrigues, vieram das suas unidades a Braga, nesse dia, a fim de se associarem às festas, executando diversas figuras de acrobacia aérea.

Recordo com profunda saudade aquê tempo.

Se a memória me não falha, passei um frio na noite daquele dia, que não era nada próprio para o tempo. Fôra uma noite como muitas outras tive.

Começara a chuveirar. As nossas camas eram dentro das barracas que com os panos de tenda tinhamos armado. Assim se passara a noite daquele dia.

A manhã do dia 24 chegara ennevoadada.

A's 12 horas, fôra a guarda rendida por outra que do quartel tinha chegado.

Entretanto, iam chegando os oficiais que dentro de pouco saltariam para as carlingas dos aparelhos, a fim de os fazer levantar voo.

Por ordem superior, tivemos de recolher ao quartel aquêles que na véspera para Palmeira tinhamos partido.

Depois de lá chegarmos, dentro em pouco corre célere pela cidade, a notícia de que no Campo de Aviação tinha caído um avião que andava executando exercícios aéreos.

Os telefones trabalham. Os automóveis atravessam a cidade com grande velocidade.

As festas começam a perder o brilho que tinham adquirido.

E' que, ao meio da tarde, os «placards» anunciavam oficialmente a morte por desastre, do tenente Melo Rodrigues, quando pretendia elevar bem alto o nome das festas Sanjoaninas de 1934, da capital do Minho.

Airão, em 14 de Junho de 1939.

ANTONIO DUARTE.

Lê de e propagai
«Ressurgimento»

(1) *L'encyclique «Quadragesimo Anno», commentaire en forme de questions et réponses*. A. Populaire, ed. Spes, 1937, Paris, pág. 213.(2) *Quadragesimo Anno* n.º 84 e 138 até ao fim.(3) *Die Sozial Frage der Gegenwart*, pág. 583.(1) S. Tomaz, *Summa* I, 62, 8, 3 e I-II, 88, 41.

Problemas Municipais

(Continuação da 5.ª página)

Não encontra o sr. dr. Rocha dos Santos, na Câmara, elementos para o estudo do labor desenvolvido pelas comissões que se seguiram àquela a que presidiu até meados de 1934 na preparação do município para obras de largo folêgo... Incluímos a Comissão que antecedeu aquela a que presidimos porque temos razões para isso...

São lições que se recebem pela vida fora, mas dêsse labor pode sua ex.ª aquilatar pelos resultados:

Em 1932 não foi possível contraír um empréstimo de mil contos, mas em 1939 é possível fazê-lo de 3.500 contos e até de muito mais.

Isto permite que sua Ex.ª lance os olhos para o problema das águas, sem querer saber dos restantes.

A respeito dêste problema diremos ao sr. dr. Rocha dos Santos que estudamos o projecto da estação elevatória do Rio Ave, projecto que foi devolvido à Câmara, em 1937, pela Direcção dos Serviços Hidráulicos (onde foi enviado para estudo e participação do Estado) com o despacho de dever organizar-se novo projecto tendo em conta a água fornecida pelas minas da Penha. Estamos a citar de cor e não garantimos as palavras mas sim o sentido.

O estudo por nós feito sobre os

pontos de vista económico e financeiro do projecto referido foi, por proposta do Vereador sr. A. L. de Carvalho, mandado imprimir e publicar juntamente com outros trabalhos relativos ao abastecimento de água a Guimarães, não nos recordando agora a razão por que isso se não fez.

Acompanhamos de perto os trabalhos do sr. engenheiro Almeida d'Eça sobre o depósito regulador e por isso é que me foi possível afirmar que a resolução do problema de abastecimento de águas a Guimarães já não tinha dificuldade de ordem técnica.

Nunca nos passou pelo pensamento obrigar o sr. dr. Rocha dos Santos a executar o nosso plano de obras e melhoramentos. Para encontrar tal nas nossas cartas é necessário lê-las com aquela *boa vontade* que sua excelência põe na leitura e interpretação dos números dos orçamentos.

A's facécias com que o sr. Dr. Rocha dos Santos condimenta as suas cartas, dando-nos vantajada amostra do seu espírito, nada podemos responder porque entendemos — com Salazar — que assuntos sérios se tratam com seriedade.

Guimarães, 21 de Junho de 1939.

JOSÉ MARIA DE MAGALHÃIS E COUTO.

Do Concelho Briteiros

A tratar de assuntos relativos à escola de resinagem existente nesta freguesia e cujos trabalhos vão recommençar brevemente esteve aqui o sr. engenheiro silvicultor Francisco António dos Santos Hall.

—Passou no dia 10 p. p. o aniversário natalício do interessante menino Manuel Antunes Guimarães, filho da ex.ª sr.ª D. Constança Teles de Vasconcelos e do sr. João Antunes Guimarães, grandes proprietários desta freguesia.

Vaticinamos-lhe uma vida longa e muito feliz.

—Por portaria de 8-4-1939 foi nomeada professora oficial desta freguesia a ex.ª sr.ª D. Branca Ferreira Andrade, que actualmente exerce o mesmo cargo na escola de Calvos, Póvoa de Lanhoso.

—Encontra-se há tempos na Santa Casa da Misericórdia dessa cidade onde foi fazer uma melindrosa operação o sr. dr. Gonçalo Sampaio Boserbon Seindoso, médico distinto e proprietário desta terra. Desejamos-lhe rápidas melhoras.

—Partiu para França, onde vai passar uma temporada a ex.ª sr.ª D. Alexandrina Moreira Marques assim como sua ex.ª irmã D. Clotilde Moreira Marques grandes beneméritas e proprietárias de Santa Leocádia de Briteiros. Desejamos-lhes muito boa viagem e melhor regresso.

—Continua a ser muito visitada a estância turística da litânia de Briteiros, predominando o elemento escolar. Nem podia deixar de ser visto estar próximo o fim do ano e haver conveniência em cimentar os conhecimentos adquiridos na sala de aula com a visão das cousas que êles re-

Amigos do Sagrado Coração de Jesus Passeio Anual

Este grupo presidido pelo sr. padre António Pires Quezado e dirigido pelos srs. António Antunes da Cunha, Manuel Ferreira e Alberto Pinheiro, realiza nos dias 22 a 28 do próximo mês de Julho a sua 3.ª peregrinação a Fátima e romagem à Basílica do Sagrado Coração de Jesus da Estrêla em Lisboa.

A partida é no dia 22 de Julho, com o seguinte itinerário: Pôrto, Oliveira de Azeméis, Curia, Luso, Busaco, Coimbra; 23—Leiria, Batalha, Fátima; 24—Tomar, Santarém, Lisboa; 25 e 26—Lisboa; 27—Estoril, Cascais, Sintra, Mafra, Tôrres Vedras, Caldas da Rainha, Alcobaca, Nazaré, Figueira da Foz; 28—Aveiro, Espinho, Santo Tirso, regressando ás 24 horas a Guimarães.

A viagem será feita em dois modernos autocarros.

No próximo ano de 1940 o seu passeio será a Santiago de Compostela, Espanha.

*

* *

Informe-se na sacristia do Colégio de N. S. da Oliveira ou em casa do sr. Antunes da Cunha—R. da República, 158.

presentam, aliada à necessidade de distrair o espírito com novas e mais belas paisagens. A Citânia já pela sua situação privilegiada, já pela evolução histórica que representa é necessariamente visitada por todo o turista que une o útil ao agradável. — C.

Escreviamos nós em 8 de Abril: — Perdido o sentido imperial na babilónia demo-liberal, de novo ressurgem o Império, trilhamos de novo o caminho tradicional da grei sob a orientação segura de Carmona e Salazar. A triunfal visita do Chefe do Estado a algumas das nossas províncias do ultramar, na sua viagem a Angola no verão passado, e, a sua próxima visita a Moçambique, vêm coroar a nova política e proclamar, bem alto, a unidade eterna da nossa Pátria Imperial.

No passado dia 17 do mês de Junho embarcou o Chefe do Estado com rumo às nossas províncias de Cabo Verde, S. Tomé e Moçambique, em visita de soberania, e à União Sul-Africana, em visita de cortezia. Foi apoteótica a recepção que lhe fizeram à sua chegada a S. Vicente de Cabo Verde, no passado sábado.

Chega, amanhã, a S. Tomé, onde da mesma maneira será recebido.

Nós — que em espírito temos acompanhado Sua Excelência, alegrando-nos as boas notícias da sua saúde — fazemos votos por que Deus o continue acompanhando.

Zona franca para os produtos Brasileiros

Foi em Agosto de 1914, primeiro ano da Guerra Grande, que o Governo Português resolveu estabelecer em Lisboa uma zona franca para os produtos coloniais portugueses e para mercadorias brasileiras. As relações económicas com a Europa tinham-se tornado difíceis e, de acôrdo com a Lei de 12 de Junho de 1913 que previa a criação de zonas francas, entendeu-se principiar pelas Colónias e pelo Brasil. O Entrepasto Colonial funciona regularmente e com a maior utilidade há bastantes anos. A zona franca para as mercadorias exportadas do Brasil é que nunca foi criada, acontecendo-lhe o que tam acontecido e muitas primeiras pedras de Monumentos. Ficou apenas no decreto-projecto, que tomou o n.º 789 e esta sepultado na vala comum de tantos e tantos outros que tiveram a mesma sorte. Pois, pensa agora o Governo brasileiro, conforme se lê em recentes telegramas, reavivar o antigo decreto e propor que seja executada a sua doutrina. A lembrança representa uma prova a mais do lúcido patriotismo com que o Presidente Getúlio Vargas constrói o engrandecimento do Brasil e mostra igualmente como são reais e sinceros

seus desejos dum estreitamento cada vez mais intenso das relações luso-brasileiras. O Brasil tem seus grandes Armazens no Havre e em Hamburgo. Em face, porém, das possíveis perturbações da vida internacional e dos embaraços que, dum momento para outro, podem surgir no acesso àqueles portos — bem avisado anda o Brasil em querer servir-se das margens do Tejo para aqui estabelecer depósitos das mercadorias que em maior quantidade exporta para a Europa.

Entusiastas amigos do Brasil, é com maior satisfação que vemos o Presidente Getúlio entrar no combate do intercâmbio com medidas que são apenas luzidos fogos de artifício, para admirar de noite e... às escuras.

(Ocidente).

Lede e propagai

"RESSURGIMENTO"

Preço da assinatura

Anual	24\$00
Semestre	12\$00
Trimestre	6\$00
Avulso	\$50